8 ABR 05
2½

1.º Anno

Numero 10

A PEROLA

REVISTA QUINZENAL LITTERARIA

Dedicada ás

damas Vimaranenses

Redacção e Administração Rua do Conde D. Henrique, GUIMARÃES

Redactores: H. S. Carvalho

Redactor e Administrador, Delphim G. S. G.

OFFICINA DE IMPRESSÃO MINERVA, TYPOGRAPHIA GUISE Guimarães

29 de ABRIL de 1905

Preço da assignatura, anno 500 reis

Numero avulso . . . . . 20 reis

Editor, Gabriel Pereira de Mesquita

BOAS-FESTAS A todos os nossos amaveis assignantes, gentis leitoras, presados collegas, e amigos, o nosso cartão de Boas-festas

PHILOSOPHIA E RELIGIÃO

Aquelle glorioso dardejar do sol, as scintillações das estrellas que nos deixam ler no livro do firmamento as palavras immensidade e infinito, o cantar das aves, o brincar dos arroios e das folhagens, a linguagem espirita das flores, as lindas areias que não fogem aos encantos e beijos do mar, o silencio da sonhadora Phœbus que faz chorar o coração, tudo absorve a imaginação do pensador, que se prostra reverente ante a magestade do universo.

Nos primeiros annos da vida, tudo nos parece grande, gigantesco, desde a casinha onde nascemos até o campanario que nos medo o tempo e lembra os deveres religiosos.

Passa a aurora da juventude, e admiramo-nos das enormes proporções que a lente da imaginação infantil dava a esses objectos.

A vida é uma anciedade constante, um desejo ardente pela realisação do ideal, a qual não dá o prazer concebido, e muitas vezes temos saudades d'aquillo que outr'ora nos turturava. Sem ideal não se pode viver. Quem não ama não vive. Uns amam o bello, o bem, a verdade; outros o jôgo, a boemia, o vicio, a libertinagem. E a vida o laço do amôr que nos prende á terra. Não amar, é viver sem crença, sem consolação; é atravessar um deserto sem uma ramagem onde se abrigar, sem o perfume de flôr a deliciar-lhe os sentidos, sem um oásis a confortá-lo.

Felizes os que podem ainda chorar essas lagrimas cheias de ternura e feitas de saudade! Quem não se lembra dos loiros cabellos que nos enfeitavam a cabeça, e das mãosinhas na nossa amada que eram da côr da lua! Oh, quão amarga é a realidade... Sonhar o ideal, não encontrá-lo, ou, peor, julgar attingi-lo e ver de subito desfeitas todas as illusões que nos embalavam numa existencia suave e feliz! ..

Todos os vultos que se teem agigantado nas sciencias, nos astros, nas artes, na guerra, são impellidos para essa mulher ideal, de cutis de espuma, olhar de estrellas, cabellos como feixes de luz—a Gloria.

A força animica leva-nos a pensar em Deos e a trabalhar para a gloria da humanidade, que é a glorificação de Deos.

Deos existindo em toda a Natureza, não é a mesma Natureza.

O moiro adora Allah, nome que o seu propheta dá a Deos; sabeista adora o sol, porque ensinaram-no a reconhecer o astro do dia como Deos; emfim, todos os homens, desde os mais civilisados até nos mais selvagens, crêem na divindade e adoram-na.

Jesus foi o Martyr do amor á humanidade. E martyr é o que se deixa morrer por um culto verdadeiro, verdade que lhe é demonstrada.

Para certos temerarios nada mais facil que aniquillar as religiões. Fazer o bem é o lemma, mas o que é o bem?

A moralidade mais solida é a que assenta na religiosidade.

Descartes curvou-se ante Jesus, Corneille escreveu-lhe a vida, Bacon e Newton respeitavam os dogmas, Colbert pensava em Deos.

Luthero, Voltaire, Mirabeau e o anarchismo imprimiram novos movimentos ás sociedades. O infortunio produziu Dante, Milton, Bernardim,

Camões. As revoluções fizeram grandes homens. O amôr patrio inspira os estadistas e os generaes. O amôr á humanidade tem animado o visionario. O amôr da sciencia produz o sabio. O amôr do bello suggestiona o poeta. Emfim, é no amôr que existe a felicidade.

Pascal disse: Se a vossa religião é falsa, nada arriscaes em acreditá-la verdadeira . . .

. . . . . .

Christo deixou neste mundo a tunica inconsutil, para recordar nos a pobreza, a humildade, e a mansidão e o amôr.

AS MINHAS ILLUSÕES

II

Formosa como poucas mulheres da sua epocha, meiga como um anjo consolador, aquella alma extremamente sensivel e fadada para amar tudo quanto ha na vida de santo, bello e sublime, tornou-se sem duvida uma creatura bem credora d estima e apreço em que a tenho, bem como seus estremosos paes e irmãos.

Um dia, vi-a pela primeira vez á janella contemplando o formoso azul do firmamento, n'um olhar vago de sonhadora romantica, como se quizesse profundar os mysteriosos arcanos do Altissimo!

N'aquella sua singela mas graciosa posição, eu me quedei a contemplal-a extatico, mudo de assombro, como se estivesse contemplando uma lendaria virgem de Murillo.

Quanto tempo estive n'este doce enleio, não o sei dizer: quem me veio arrancar ao meu extasi, foi o sino da egreja visinha tocando ás Avé-Marias. Descobri-me. . Depois levei a mão ao coração para cumprimir as suas desordenadas pulsações, e n'um dado momento levantei para o céo n'uma prece, os meus embaciados olhos, e jurei, jurei pelo céo, pela minha vida, por tudo que se pode chamar a um juramento, que emquanto Deus me der um atomo de vida que a prezarei com todo o extremo atè á morte! Sim, meu anjo, mulher da minha alma, dedicar-te-hei todo o meu amôr; amôr delirante! immenso! inexcedivel! eterno!

(Continua) Albertino R. B.

Bellezas da PRIMAVERA.

Conclusão

Depois entremos em um caminho guarnecido por ambos os lados de uma grande ala de grandes arvores, entre-fechadas de humildes arbustos.

N'este logar estava comprimida a vista, e limitada aos espessos ramos d'esta abobada de folhas! As novas vergonteas estavam revestidas de uma verdura agradavel e aprasivel aos olhos, que observavam com gosto as diversas vestiduras, com que, cada planta estava adornada! As tenras hasteas mostravam em uma parte o botão proximo a abrir, em outra parte já aberto, e flôr deffendida com os seus espinhos, tão agradavel á vista como ao tacto.

Com bastante sentimento sahimos d'esse logar, aonde dous dos nossos sentidos estavam tão deliciosamente empregados, e receava-mos o instante, em que precisamente havia-mos de deixar este admiravel bosque, ainda que n'elle estava-mos apertados, e sem outra alguma perspectiva mais, que a do estreito, e brilhante firmamento sobre as nossas cabeças!...

Tanto porém que nos adeantamos, uma admiravel multidão de maravilhas se offereceram logo á nossa vista! .. Enchemo-nos de alegria, e nunca as nossas almas foram penetradas de admiração mais agradavel! ..

A. S. Carvalho

MORENA . . .

Tu tens o linda morena,
O olhar da Virgem pura ! . . .
Es linda minha açucena,
Anjo d'amôr e candura ! . . .

Guimarães-20-4-905. A. S. Carvalho

ESPHINGE.

(Conclusão)

Dedicado ás damas vimaranenses.

Por fim abraçou-se ao seu collo, e arquejante como que aterrado por a frase que ia proferir, sussurrou religiosamente ao ouvido da esphinge a palavra

Immortalidade!

E a esphinge continuou immovel contemplando com os seus olhos sem pupilas os immensos areaes do deserto.

Gloria! Amor! Immortalidade!

Palavras que tendes enchido o coração e a mente dos homens desde que Deus as arrojou á terra, á concavidade sem limites do espaço. Tão escasso é o vosso poder que não commove as petreas entranhas de uma esphinge de corpo de leão com seios e rosto de mulher. Serão mais fallazes que profeticas as palavras do escultor? Tentaria burlar-se, ao proferil-as, da credulidade humana?

Foram aquellas um sangrento sarcasmo de nossos sonhos?... Não haverá na linguagem

humana uma palavra capaz de commover as pedras?

Uma carabana chegou certo dia ás imediações da esphinge.

Formavam-na quatro ou cinco familias humildes, que fugiam do jugo da escravidão, a que tinha sido condemnado o seu povo por um audaz conquistador. Os infelizes fugitivos não possuiam mais que umas quantas desmedradas bestas, e uns miseraveis carros.

A existencia de toda aquella gente pendia da mão de Deus. O chefe da caravana, um ancião de veneravel aspecto, mandou deter os carros á sombra da esphinge, e apressada e alegremente, foram saltando d'aquelles, mulheres e creanças. O sol calcinava a terra; a grata sombra da escultura amparou-os como uma benção. Distribuiu-se a frugal comida, e pouco depois, homens, mulheres e creanças dormiam placidamente, esperando as brisas da tarde para continuarem a sua viagem. Mas ainda não tinham descançado uma hora, quando o chefe da carabana levantou a veneravel cabeça, contemplou o ceu, e um grito de terror fugiu da sua garganta. Uma nuvem negra e gigantesca, avançava por o espaço, e na immensidade do deserto levantavam-se a cada instante, grandes redemoinhos de areia. A ordem de partir foi pronunciada immediatamente, e os homens aparelharam os carros entre os gritos de terror das mulheres e creanças.

O furacão já fazia estremecer o deserto.

Fugiram com o espanto no semblante e a tempestade açoutando-lhes as costas, e quando já tinham caminhado largo espaço de tempo n'uma corrida louca e atropellada, um pobre menino de oito ou dez annos, ao qual o terror dos seus tinha deixado esquecido dormindo, despertou extremunhado, e achou-se só e abandonado ao pé da esphinge. Lagrimas de medo atropellaram-se em seus olhos, e o infeliz percorreu em vão os lindeiros da escultura em busca dos seus. Subiu por ella acima apressadamente para explorar com seus olhos a carabana, alcançando fixar os seus pés mesmo no seio da esphinge. Então divisou já longe o vago contorno da caravana que fugia, e preso o seu debil coração, da loucura do terror, o pobre menino gritou com desgarrado accento a palavra

Mãe!

Um subito estremecimento commoveu as entranhas da esphinge. Dobrou-se docemente a cabeça feminina como para contemplar o menino, e no seio da escultura qualquer cousa latiu com espasmo da vida.

A palavra magica tinha sido por fim pronunciada, não por um rei, por um poeta ou por um sabio, mas sim por um pobre menino abandonado.

Tronco de leão, cabeça e seio de mulher...
A palavra da esphinge era a palavra «Mãe!».

REIS "O PEQUENO,,

A TAÇA DA AMARGURA

"Ao snr. Guilherme J. Peixoto,,

Que importa se eu a vi, se lhe hei fallado
A linguagem dos céus!
Que importa se em delirio est'alma ardendo
Contemplou n'ella um Deus!

Sim, que importa se fervidas lembranças
Me consumam d'amôr,
E ai triste de mim! crueis saudades
Me espedacem de dôr!

Sim, que importa se est'alma ardente anceie
Por aniquilação,
E, insoffrido de dôr, rebente, estalle,
Meu pobre coração!

Sim, Maria, eu te vi! Que mais na terra
Se pode cobiçar?
Que mais a um'alma, que o infinito almeje,
Que mais se pode dar?

Nada! .. sim; nada ha já que me contente,
Tudo me causa dó:
Como o mundo é mesquinho, é breve, e os homens
Se arrastam pelo pó!...

(CONTINUA)

Albertino R. Barroso

ELLA...

E' linda! É mui formosa
Formosa sem ter rival! ..
Não ha na terra egual,
E' linda como a rosa!...

Qual deusa oriental,
E' bella, a morenita,
É engraçada, é bonita.
Tem um collo virginal! ..

O seu rosto é mimoso.
Seus labios são de córal
Seu talho é gracioso!

Tem um ser celestial,
O seu porte é airoso,
É linda sem ter rival!...

A. S. Carvalho

Idylio na prisão

Em meio da mais densa escuridão
Tudo em silencio no castello estava...
Na lugubre prisão o loiro pagem...
Em triste e amargo choro assim bradava:

«Ai de mim! ai de mim! a que altura
«Elevei o meu olhar apaixonado!
«D'El Rei,—amo e senhor,—amei a filha
«E pelo amôr me vejo encarcerado!

«Se ao menos uma lagrima, uma só
«Por mim ella vertesse,—que alegria!
«O proprio horror do carcere onde vivo
«Pela corôa real não trocaria!

D'um vulto de mulher a branca imagem
Appareceu, então, junto da porta
E o pagem loiro, desvairado, ao vel-a
Disse:—«Foge de mim pallida morta!»

«Morta não sou»—exclama caminhando
A extranha apparição—«Olha me, toca;
Sou eu.. Bem podes crêr. .A escolta dorme
Sou a filha d'El-Rei, beija-me a bocca...»

Guimarães. 15-4-905.

Soarct

Não rias

Não rias querida que os teus risos vão
Ferir o coração d'este que te adora!...
Não rias por Deus, não me faças mais soffrer,
Que o meu padecer de joelhos t'o implora...

P'ra que assopras tu a esse fogo ardente
Que mina lentamente o meu enerte peito?
P'ra que queres, mulher, ver um homem perdido,
Se já vive opprimido em um vil despeito?...

P'ra que queres tu jaculal-o ao inferno
Se um amôr eterno elle te jurou?
Oh! não sejas infame, não o sejas, não,
Que o meu coração jamais te falseou.

. . . . . .

Porque é que não vens, libitina, não vens,
Destruir os vai-vens d'um pobre enamorado?
Que importa a morte quando a vida nos peza
E tudo nos despresa com um rir gelado?...

Abaixa, oh libitina, teu ferreo braço
E leva-me ao espaço onde estás escondida.
Eu quero-te abraçar, comtigo quero ser,
Não posso aqui viver, é tua a minha vida...

Delfim Guimarães

A louca de Brito

(Continuação)

Chega sem que Leonôr o presinta, pára anhelante, estende o braço e toca-lhe, manhamente, no bem talhado hombro.

Leonôr volta-se sobressaltada, olha Rodolpho com despreso, e pergunta com arrogancia e ironia:

—Que pretende, senhor, que quer de mim?...

Rodolpho estremece violentamente e diz tratamudeando:

—Ah! Leonôr, Leonôr, como és implacavel! Já sabes ha muito o que este desgraçado pretende de ti! Sabes que te amo capaz de enlouquecer, e ainda me perguntas o que quero, o que pretendo!. .

Como sou desgraçado, Leonôr!

Tu, sem te compadeceres de mim, olhas-me, quando me vez, com um olhar de despreso, chispando odio! Quando me fallas, as tuas palavras sempre e sempre como punhaes acerados ferem-me o peito, vão-me matando pouco a pouco!

Tem dó de mim, Leonôr, tem dó d'um desprotegido da sorte!

Oh! mal haja a hora em que nasci!

Quando te fallo em amôr repelles-me como se eu fosse um misero cão!

Leonôr, anjo da minha guarda, não sejas má, dá-me só com uma das tuas ternas fallas uma esperança fagueira, com um dos teus sorrisos a vida, o amôr!

Mas p'ra que me fazes penar tanto?

Não serei eu digno do teu amôr?!

Esse miseravel morgado será mais do que eu?!

Oh! é... é...

E', porque tem ouro, tem brazões, e eu, não tenho nada, sou um misero mortal, sou um desgraçado operario!

O seu maldito ouro, aquelle ouro mais magnetico que um talisman, fascinou-te, chama-te p'ra si com um riso macilento, um riso de seducção!

Oh! recua Leonôr, foge d'esse sêr phantasmagorico, porque é elle o monturo da prostituição!

Foge d'esse homem sycophanta, d'esse malsim infame, porque elle é o demonio que tenta arrastar-te aos abysmos da desgraça, d'essas espeluncas onde só apparecem miseraveis como elle, roubando-vos momentos felizes em milhares de osculos, e, d'ahi a pouco, escarnecendo-vos, espancando-vos com selvageria, rapinando-vos, se perciso fôr, os ultimos centis que vos restam, os centis que ganhasteis vendendo-lhes a carne, vendendo-lhes vossa carne mimosa que pouco a pouco se vae tornando pestifera!

Oh! mas eu te juro, eu te juro que aquelle homem jamais te pertencerá... Nunca, nunca, porque elle é um infame, um miseravel...

Leonôr, ouve-me, escuta este desgraçado que te ama com todas as véras d'alma, ouve-me, Leonôr!...

E ella, sempre altiva, olha-o com desdem, solta uma gargalhada escarninha, e vira-lhe as costas, apontando-lhe o caminho.

Rodolpho solta uma imprecação, e foge, atravez do arvoredo, murmurando phrases inintelligiveis, com os olhos esgaseados, espumando raiva.

Ella, ao vel-o desapparecer, ajoelha-se por detraz do lavadouro, e recomeça o seu trabalho, sombria, com os olhosmarejados de lagrymas puras.

(Continua) Delfim Guimarães